



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

RENAN SILVA DE SOUSA

A DIREITA QUE NÃO TEM MEDO DE DIZER SEU NOME:
DEFINIÇÕES DA DIREITA EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Campina Grande – PB

2018

RENAN SILVA DE SOUSA

A DIREITA QUE NÃO TEM MEDO DE DIZER SEU NOME:

DEFINIÇÕES DA DIREITA EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Campina Grande – PB

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

S725d

Sousa, Renan Silva de.

A direita que não tem medo de dizer seu nome: definições da direita em narrativas de estudantes universitários / Renan Silva de Sousa. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

30 f. il.:P&B. 21 x 27,9 cm.

Orientador Pedro de Oliveira Filho, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Identidade. 2.Direita. 3.Discurso. I. Oliveira Filho, Pedro de (Orientador).
II.Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2(813.3)

TERMO DE APROVAÇÃO

RENAN SILVA DE SOUSA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 20/07/2018

BANCA EXAMINADORA:

Pedro de Oliveira Filho

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Orientador – Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-

UFCG

Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-

UFCG

Eduardo Henrique Araújo de Gusmão

Prof. Dr. Eduardo Henrique Araújo de Gusmão

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-

UFCG

Campina Grande – PB

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que tenho e que sou, obrigado por atenuar, suavizar e acalantar o meu coração nos momentos de incerteza e angústia. À minha “mainha” Maria, por me manter firme nos caminhos do altíssimo, obrigado mãe por seu meu lar.

À minha mãe, **Elza Silva Soares**, por me apoiar em todos os momentos complexos de decisões difíceis. Agradeço por está lá e ser meu porto seguro durante toda a minha vida. Obrigado por me ajudar a quebrar um paradigma na nossa família, obrigado mãe, obrigado por tudo, eu te amo imensuravelmente.

À minha irmã, **Rebeca Sayonara Silva de Sousa**, por me apoiar inquestionavelmente e permanecer ao meu lado sempre quando necessário. Você me faz perceber que o lugar mais seguro do mundo é dentro do seu abraço. Obrigado irmã, te amo!

Ao meu irmão, **Ramon Silva de Sousa**, por ser o maior exemplo de amparo e companheirismo que já tive. Obrigado por me ajudar em todos os momentos de anseio e angústia, você não faz ideia do quanto me ajudou. Obrigado irmão, te amo!

Ao meu sobrinho, **Nícolas Gabriel Silva Rodrigues**, por ser a materialização da felicidade em minha vida. Obrigado por habitar meus pensamentos e ser fonte de alegria constante. Eu te amo meu “guri”!

À minha namorada e companheira, **Karollayne Karlla Freires da Silva**, pelo amor, astral, carinho e compreensão. Obrigado por dividir a sua existência comigo, você me faz alcançar o céu. Eu te amo!

A toda a minha família, avós, tios, tias, primos e primas.

Ao amigo e professor, **Pedro de Oliveira Filho**, por toda a confiança e cuidado, obrigado pelas dicas, reflexões, conversas e caronas durante todos os anos de projeto e de orientação. Obrigado por tudo mestre!

Ao professor, **Edmundo Gaudêncio**, por todas às tardes de quintas-feiras que me cobriam de aspiração e desejo por conhecimento.

Aos meus amigos, **Dandara Virgínia e Jônatas Barros**, por suas inestimáveis contribuições acerca do trabalho e por me ajudarem na busca constante em direção a excelência.

À Hannah Carla, Jullyany Marques, Larissa Guerra, Priscila Gomes, Jéssica Daniele, Vinícius Lima e Dandara Virgínia, por todos os momentos compartilhados durante a graduação. É da ordem do impossível articular qualquer signo em torno da importância de vocês durante todo esse processo, as palavras não conseguem significar o que cada um de vocês representa para a minha constituição subjetiva, espiritual e intelectual. Amo vocês!

Aos professores da banca, que aceitaram o convite para participar do fechamento desse ciclo tão importante.

A todos os professores do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde do CCBS, agradeço por todos os ensinamentos, dicas e sugestões. Agradeço por todas as contribuições que me constituem hoje como pessoa e profissional!

Por fim, agradeço ao **CNPq** pelo financiamento do projeto através da Bolsa de iniciação científica concedida.

Obrigado!

RESUMO

Após a ascensão dos governos neoliberais e a aplicação de novas políticas econômicas e sociais, o mundo se viu diante da irrupção de inúmeros movimentos sociais de esquerda que se rebelavam contra o desmantelamento do *welfare-state* e das políticas de intervenção estatal. Entretanto, em alguns lugares do mundo e no Brasil em especial, o vetor da mobilização está associado a outros fatores. As manifestações de junho de 2013 fizeram emergir grupos de direita rebelados contra o partido que liderava uma grande coalizão de centro-esquerda, o Partido dos Trabalhadores. Desde então, uma nova direita ascende no debate político nacional, principalmente nas universidades, lugar de conflitos de ideias por excelência, mobilizando uma retórica agressiva e de cunho antagônico às políticas de esquerda predominantes nos últimos anos. O presente estudo busca compreender como a militância estudantil de direita numa universidade pública nordestina formula discursivamente uma identidade para si própria, e quais as tensões, contradições e inconsistências presentes nessa identidade formulada por eles. Com o uso do método de análise de discurso, foram analisadas transcrições de entrevistas realizadas com membros dessa militância. As autodefinições mostram o caráter plural, complexo e contraditório do discurso da militância estudada. Mencionam três grupos políticos como constituintes da direita (os conservadores, os liberais e os libertários), mas somente dois são usados como categorias de autoidentificação: os conservadores e os libertários.

Palavras-chave: Identidade; Direita; Discurso.

ABSTRACT

After the ascension of neoliberal governments and the application of new economical and social policies, the world started to face an inrush of several left-wing movements that rebelled against the dismantling of welfare-state and of state-owned intervention policies. However, in some parts of the world and especially in Brazil, the mobilization vector is associated with other factors. The manifestations of June, 2013, caused the emergence of right-wing groups, rebelled against the party leader of a big central-left-wing coalition, the Workers Party. Since then, a new right-wing is ascending in the national political debate, mainly within universities, for excellence, a place for conflicts of ideas, mobilizing an aggressive rhetoric of antagonistic nature towards the predominant left-wing policies of the last years. The present study aims to understand how a right-wing student's militancy in a public northeastern university discursively shapes a self-identity, and what are the tensions, contradictions, and inconsistencies in this self-forged identity. Using the discourse analysis method, transcriptions of interviews made with members of this militancy were analyzed. Their self-definitions show the plural, complex, and contradictory character of the discourse of the militancy under study. They mention three political groups as constituents of the right-wing (conservationists, liberals, and libertarians), but only two are used as self-identification categories: conservationists and libertarians.

Key-words: Identity; Right-wing; Discourse.

A DIREITA QUE NÃO TEM MEDO DE DIZER SEU NOME: DEFINIÇÕES DA DIREITA EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

INTRODUÇÃO

Com a ascensão dos governos neoliberais de Ronald Reagan nos Estados Unidos e de Margaret Thatcher na Inglaterra, e posteriormente com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, o liberalismo econômico, que perdera força após a Segunda Guerra Mundial, voltava a influenciar decisivamente a forma de organização das sociedades ocidentais. O neoliberalismo triunfante dos governos Thatcher e Reagan adotou um conjunto de medidas de desmantelamento do *keynesianismo* e do *welfare-state* que mudaram a natureza do capitalismo nesses países: privatizações, elevação de taxas de juros, redução drástica de impostos sobre altos rendimentos, abolição do controle sobre fluxos financeiros, dentre outros. Colocavam em prática um programa ultraliberal de organização econômica elaborado por grandes nomes da Escola Austríaca e da Escola de Chicago, como Friedrich von Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman. Esses teóricos ajudaram a impulsionar uma nova compreensão sobre o papel do Estado na vida social que, a partir de então, tornou-se hegemônica (ANDERSON, 1995).

As consequências sociais do discurso neoliberal, e do processo de globalização inspirado nele, tem relação direta com o surgimento de novos movimentos sociais de esquerda ao redor do mundo que combatem o neoliberalismo porque o considera um modo de capitalismo em que a exploração da classe trabalhadora atinge a máxima potência (SAFATLE, 2017).

Mas, alguns desses movimentos não fazem parte do campo da esquerda, constituem uma direita nacionalista, como é o caso de movimentos de extrema-direita na Europa e dos diversos grupos e movimentos sociais que levaram Donald Trump ao poder nos Estados Unidos, que combate o neoliberalismo em razão do seu internacionalismo, do seu liberalismo em termos de costumes e do seu desprezo pelos valores tradicionais do nacionalismo, a proteção dos empregos dos trabalhadores nacionais, por exemplo.

No espaço público brasileiro, no entanto, uma direita ultraliberal vem ganhando destaque ao advogar o Estado mínimo como um caminho de progresso e prosperidade para aqueles países que o adotarem, como é o caso de movimentos de direita de inspiração

neoliberal como o MBL e o Vem pra Rua no Brasil, embora suas práticas, em alguns momentos se assemelhem, talvez por cálculo estratégico, às práticas da direita conservadora (como, por exemplo, denunciar professores que supostamente estariam doutrinando politicamente seus alunos).

Essa direita neoliberal e uma versão brasileira da direita conservadora e nacionalista que emerge em nível mundial nos últimos anos se juntaram, em 2015, nas grandes mobilizações de rua pró-impeachment de Dilma Rousseff, presidente da república eleita pelo Partido dos Trabalhadores (ver DELCORT, 2016).

Os eventos de 2015 são o ápice desse processo de emergência da direita no espaço público brasileiro. Dois anos antes de 2015, nas manifestações de junho de 2013, que se apresentaram inicialmente como uma manifestação apartidária, a direita ocupou o centro do palco. De acordo com Safatle (2017), o movimento de junho rapidamente se partiu em dois. O movimento se inicia como uma resposta de manifestantes de esquerda à violência policial que feriu mais de cem pessoas em São Paulo. No entanto, logo o movimento é tomado por grupos nacionalistas ligados a pautas anticorrupção, focados, basicamente, no governo e no seu modo de gestão. Essa clivagem ideológica se manifestará na forma de conflitos nas próprias manifestações entre grupos de direita e esquerda, conflitos que atualizariam uma cisão ideológica profunda na própria sociedade brasileira.

A direita compreendeu mais rapidamente as demandas e os afetos que circulavam em junho de 2013, além disso, soube organizar com mais eficácia a promoção de suas pautas e construir um discurso hegemônico pautado principalmente na anticorrupção e na antipolítica, que tinha como alvo preferencial o partido político que ocupava a presidência da república naquele ano, o Partido dos Trabalhadores. Ou seja, a direita ganha a disputa política por meio de uma atuação marcada pela retórica agressiva e pela implementação de práticas transgressivas em relação à ordem legal.

Em vista da paralisia completa do governo diante de tais revoltas e da incapacidade de todo o setor da esquerda de se constituir como um interprete qualificado das novas demandas, foi a direita que soube captar o momento, absorvendo de vez um discurso anti-institucional. Pela primeira vez desde 1984, a direita voltava às ruas, procurando mobilizar a força anti-institucional da política, enquanto a esquerda brasileira havia se transformado no mais novo partido da ordem. Com tal força, a direita, mesmo não tendo ganhado as eleições de 2014 impôs uma dinâmica acelerada de desabamento do governo e de incitação de um golpe parlamentar travestido de legalidade, capitaneado por um processo jurídico capaz de práticas criminosas como grampear advogados de réus (o que implica quebra de todo princípio elementar de defesa dos cidadãos contra o Estado) e divulgar tais grampos em cadeia nacional. Enquanto isso, tudo o que os setores majoritários da esquerda

fizeram foi clamar pela legalidade e pela ordem. As cartas tinham se invertido (SAFATLE, 2017, p. 115).

Este trabalho procura compreender a emergência desses novos movimentos de direita no contexto brasileiro investigando a militância estudantil dessa nova direita na universidade pública brasileira, espaço de atuação política privilegiado para esses atores. Numa reportagem publicada no site do Jornal Estado de São Paulo, cujo título é “À direita, MBL disputa espaço entre estudantes”, Martins (2016) afirma: “... o MBL já tem atuação em chapas de universidades (públicas e privadas), representação em centros acadêmicos e grêmios estudantis. A ideia é fazer um contraponto às duas entidades mais representativas do movimento estudantil: a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes)”.

A organização e a visibilidade desses grupos nas universidades é a face mais surpreendente da irrupção de grupos declaradamente de direita no espaço público brasileiro. Após o fim da ditadura militar, em 1985, nas universidades públicas, e até mesmo em algumas universidades privadas, como as universidades católicas, os agrupamentos políticos organizados pelos discentes se filiavam, invariavelmente, a partidos políticos de esquerda ou de centro. Um estudo recente de Brenner (2011) retrata bem a invisibilidade de grupos organizados de direita nas universidades até pouco tempo atrás.

Depois de 2013 a situação mudou. Hoje há uma militância estudantil de direita na universidade pública sem vergonha de dizer seu nome e com o objetivo claro de produzir subjetividades e identidades políticas no meio estudantil que sejam alinhadas com o pensamento de direita. O objetivo deste trabalho é compreender como a militância estudantil de direita numa universidade pública brasileira formula discursivamente uma identidade para si própria, e quais as tensões, contradições e inconsistências presentes nessa identidade formulada por eles.

Jenkins (2004) define identidade coletiva como representações sobre um conjunto de pessoas, representações que procuram ressaltar o que elas têm em comum. A identidade individual, por sua vez, é compreendida por ele como um conjunto de práticas classificatórias institucionalizadas por meio das quais os indivíduos identificam a si mesmos e são identificados por outros. Nesse processo ele é diferenciado de outros indivíduos, mas também assemelhado, como ressalta Jenkins.

De fato, quando um indivíduo específico é identificado como paraibano ele é diferenciado de todos os que não são paraibanos, mas ao mesmo tempo é assemelhado a todos os paraibanos.

Se a identidade coletiva é o processo de identificar grupos e a identidade individual é o processo de identificar indivíduos, o objeto deste estudo é a construção discursiva da identidade coletiva da militância de direita em uma universidade pública. No entanto, os estudantes de direita entrevistados para essa pesquisa não poderão, ao falar sobre o movimento de direita na universidade, e sobre a direita de uma forma geral, deixar de formular identidades para si próprios.

Trata-se de um estudo inspirado na Psicologia Social Discursiva (BILLIG, 1987, 1991; POTTER; WETHERELL, 1987; POTTER et al., 1990; WETHERELL; POTTER, 1992; POTTER, 1998), perspectiva desenvolvida nos últimos 30 anos que ressalta o caráter funcional dos textos mobilizados na vida social, os efeitos de formulações discursivas na produção e reprodução de grupos, identidades e da vida social; mas também inspirado na teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015) e na compreensão desses autores segundo a qual as identidades políticas são precárias e contingentes, são construídas discursivamente e não produtos que emergem necessariamente da posição de grupos na estrutura social.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública localizada na região Nordeste. Participaram dela estudantes com 18 anos ou mais, matriculados em algum curso da instituição e que militam publicamente em movimentos de direita. Para ter acesso aos militantes utilizou-se a amostragem em bola de neve, trata-se de uma amostragem não probabilística, muito “útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados” (VINUTO, 2014, p. 203), primeiramente entrevistou-se um informante-chave, já conhecido pelos pesquisadores, e, a partir dele, foram localizados outros militantes de direita que também foram entrevistados. Esses militantes indicaram outros militantes e assim sucessivamente. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Pra nortear as entrevistas utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com questões acerca de temas relacionados à direita, aos seus adversários e ao debate político nacional de uma forma geral. A princípio se pretendia realizar entrevistas grupais, com grupos

de três alunos. Algumas de fato foram realizadas em grupo. Porém, as dificuldades crescentes para viabilizar entrevistas em grupo e o desejo de ampliar o número de participantes para dar conta das tendências de direita na universidade em questão produziram mudanças na intenção inicial. Foram realizadas seis entrevistas com nove militantes de direita. Uma com um grupo de três militantes, outra com uma dupla de militantes e quatro entrevistas individuais. Todas as entrevistas foram gravadas, com a permissão dos participantes, e posteriormente transcritas. Este estudo se detém somente sobre uma parte dos conteúdos analisados, aqueles que dizem respeito ao modo como a militância define a si mesma.

Uma descrição das características socioeconômicas dos participantes pode ser observada na tabela abaixo. Seus nomes, evidentemente, são fictícios.

TABELA 1: CARACTERÍSTICAS SOCIO ECONÔMICAS DOS MILITANTES

NOME	IDADE	CURSO	RELIGIÃO	RAÇA/COR	RENDA FAMILIAR MENSAL
Paula	22 anos	Psicologia	Agnóstica	Branca	Não sabe informar
Alfredo	25 anos	História	Espírita	Branco	2,811,00R\$
Luís	19 anos	História	Evangélico	Pardo	2,811,00R\$
Eurico	23 anos	História	Evangélico	Branco	1,874,00R\$
José	22 anos	Engenharia de Produção	Católico	Pardo	4.000,00R\$
Ademir	36 anos	História	Católico	Pardo	35,000,00R\$
Carlos Eduardo	24 anos	História	Evangélico	Pardo	1,400,00R\$
Emerson	18 anos	Engenharia Química	Evangélico	Branco	Não sabe informar
César	18 anos	Ciências Econômicas	Agnóstico	Pardo	3,948,00R\$

Codificação e análise

No método de análise de discurso desenvolvido pela Psicologia Social Discursiva, primeiramente realiza-se uma codificação, guiada pelas questões de pesquisa, que procura organizar em categorias o material discursivo. Trata-se de uma análise preliminar que antecede uma análise mais minuciosa, uma análise atenta aos detalhes do discurso e às funções do discurso, ou seja, às diferentes ações que ele realiza (POTTER; WETHERELL, 1987; GILL, 2002).

DEFININDO A DIREITA

Os estudantes de direita entrevistados construíram diferentes posições identitárias para a militância de direita na universidade e para a direita de uma forma geral. Quando mencionavam especificamente os estudantes de direita no interior da universidade, um dos temas mais recorrentes foi a suposta discriminação sofrida por eles.

“[...] A universidade não é só de vocês, desses grupos revolucionários que se acham donos, que não permitem a existência de outros pensamentos [...] (Paula)

“[...] Hoje principalmente quando você vai cursar um curso no campo das ciências humanas, você não pode ter uma expressão de um pensamento conservador ou liberal, você é ferrenhamente atacado, ferrenhamente perseguido, é... conheço pessoas que foram vítimas de perseguição, que tiveram que trancar cadeiras por causa de perseguição, por se mostrarem a favor de causas que não correspondiam a dos docentes, isso gerou uma polêmica, isso é muito comum dentro de uma universidade do campo das ciências humanas e a direita ela vem justamente pra isso, pra mostrar que não é só eles que pensam, pra mostrar que não é aquilo que eles pregam que é o certo [...] E é isso, essa questão da liberdade, de você chegar em uma sala de aula no curso de história, de filosofia, de sociologia e poder citar um John Locke, um Mises, um Adam Smith, sem ser rechaçado, sem ser perseguido ou até mesmo, uma citação ou alguma obra do professor Olavo de Carvalho que causa tanta repercussão [...] É você poder citar essas pessoas e encontrar uma compreensão, um entendimento, não você ser perseguido, você ser rechaçado por pensar diferente. Os fascistas faziam isso na época da segunda guerra mundial, se você pensava diferente, eles iam atrás de você.” (Luís)

“[...] A gente percebe como essa perseguição ela não precisa ser direta, ela pode ser indireta. Quando eu chego em um ambiente assim todos fecham a cara. Inclusive os meus colegas mais próximos eles relatam coisas de outros que falaram de mim, então, você acaba ficando famoso no curso justamente como o fascista, o nazista, de gente que nem sabe o que é o fascismo e o nazismo.” (Eurico)

Nessas falas, a universidade é representada como uma instituição dominada pela esquerda, como um ambiente ameaçador para estudantes de direita. Constroem a esquerda na universidade como um movimento antagônico de teor autoritário, hegemônico, opressivo, intransigente, incapaz de dialogar e até mesmo fascista (os fascistas faziam isso na época da segunda guerra mundial, se você pensava diferente, eles iam atrás de você).

A direita, por outro lado, é representada como um movimento minoritário que luta por liberdade e pluralismo na universidade, como uma vítima constantemente atacada e silenciada.

Quando se referiam não somente à direita na universidade, mas à direita de uma forma geral, mencionaram várias outras posições identitárias para a direita, posições essas que foram organizadas em torno de disposições identitárias mais amplas que colocam em primeiro plano não o que diferencia a direita do grande antagonista, a esquerda, mas as próprias diferenças no campo da direita.

O pensamento da direita não se fundamenta sobre um único princípio, seja este a liberdade, a propriedade ou o individualismo, assim como outras correntes de pensamento, o discurso político denominado de “discurso da direita” é marcado por tensões internas e contradições. As representações sobre a direita não estão estabelecidas de uma vez para sempre, cada vez mais se discute sobre o significado da direita política, nas universidades, nos *think tanks* e na sociedade de um modo geral. Com isso, novas interpretações surgem e com elas rupturas, arranjos e desarranjos são engendrados. Um exemplo disso é a luta de novas correntes de direita pela hegemonia, como é o caso do libertarianismo.

A militância estudantil de direita na universidade investigada mostra de maneira inequívoca como o discurso de direita, como qualquer outro, possui nuances, dissidências e antagonismos internos. Assim como a esquerda, a direita é plural e constituída por diversas tendências e todas elas com definições específicas acerca de si, do outro e do mundo.

Três correntes de pensamento são nomeadas nos relatos dos participantes quando eles falam da direita na universidade: conservadorismo, libertarianismo e liberalismo. No entanto, somente duas categorias, conservadores e libertários, foram mencionadas por eles como categorias de autoidentificação.

A direita conservadora foi frequentemente citada como uma corrente da direita pelos militantes e o rótulo “conservador” foi usado como categoria de autoidentificação por alguns deles.

“[...] O conservadorismo não é uma ideologia né? É uma filosofia. Então, assim, as pautas que acabam sendo defendidas pelos conservadores no mundo são as mesmas pautas que pelo menos no mundo ocidental, são as mesmas pautas que eu defendo [...]” (José)

“[...] O conservadorismo ele tenta conservar aquelas diretrizes e os pilares que vão manter a sociedade de uma forma que não fique caótica, por exemplo, o cristianismo, o capitalismo, o direito romano, é... a filosofia grega, então, eu sou conservador nessa área aí de tentar conservar aquilo que vem sendo experimentado ao longo do tempo e são coisas eternas não são coisas que nós aprendemos assim no Facebook e no outro já ninguém lembra mais [...]” (Eurico)

“[...] Eu ainda me entendo como um conservador de fato, por conta da questão... questões até religiosas também que influenciam a questão valorização da família, regressos sociais esse tipo de coisa.” (Alfredo).

“Bom, é... moralmente falando eu sou absolutamente conservador socialmente, só que quando se trata de economia nós vemos como o liberalismo econômico é... talvez a melhor opção para se gerar riquezas e prosperidade de uma sociedade.” (Eurico).

“[...] Nós conservadores a gente defende o Estado mínimo também, mas é como eu disse a tu é... sempre tem aquela preocupação de qualquer mudança a gente analisar, ‘ah essa mudança, se for mudar isso aqui, quais seriam as consequências de mudar isso aqui?’ Entendeu? [...]” (Paula)

“Eu, creio que sou conservador, por causa que ainda sigo aqueles costumes, aquelas velhas éticas que já vem sendo trazidas até hoje. Traduzindo, vindo pela

moral, pelas éticas morais, pela coisas que o Estado já vem protegendo até hoje, desde o seu, desde o império, basicamente [...]” (Carlos Eduardo)

“Como Flavio Morgenstern fala sempre ele diz que ‘o conservadorismo é o novo sexy’, as pessoas estão migrando porque a esquerda tá muito chata. Nós somos a nova contracultura, então por isso que eu digo que a direita no Brasil, em termos nacionais, ela é muito nova, é uma criança ainda [...]” (Eurico)

“[...] Libertários são minoria ainda menor dentro da direita, assim, é a minoria dentro da minoria da direita. Então assim, você percebe que certos grupos de direita eles não entendem a complexidade da realidade, mas com outros liberais eu já consigo ter uma conversa muito tranquila, tudo mais, porque eles entendem essa questão da complexidade da realidade. Porque, por exemplo, os libertários, eles ficam tão preso... eu digo... eu não conheço nenhum que não seja desse jeito de libertários [...] Eles ficam tão presos aos livros, a conceitos de mercado e que tudo tem que se gerir de forma privada que eles não entendem que o mundo ele se concebeu de outra forma, entendeu? Então acabam ficando presos a uma utopia que é como se... tem gente até próprios liberais que falam que os libertários são os marxistas com sinal inverso, assim, sinal da pilha inverso, porque eles também acreditam em uma utopia e nessa utopia pra eles qualquer coisa é válida, entendeu? Essa utopia do mercado” (José)

Nessas falas, em meio a conteúdos tradicionais e amplamente compartilhados pelo senso comum conservador, como a adesão à religiosidade cristã e a valorização da família, pode-se notar outros conteúdos que são mais conhecidos e debatidos nos meios intelectuais conservadores.

Os dois primeiros comentários, os de José e Eurico, constroem o pensamento conservador como compreensão de mundo com raízes profundas no mundo ocidental, um pensamento com caráter de eternidade, um pensamento verdadeiro e não ideológico por excelência (“O conservadorismo não é uma ideologia né?”; “eu sou conservador nessa área aí de tentar conservar aquilo que vem sendo experimentado ao longo do tempo e são coisas eternas”). Jenkins (2004), referindo-se à identidade coletiva, afirma que uma das coisas que temos em comum é nossa diferença de outros, portanto quando dizemos algo sobre os outros estamos dizendo frequentemente algo sobre nós. Mas o contrário também é verdadeiro:

quando dizemos algo sobre nós também estamos frequentemente dizendo algo sobre o outro. Sem mencionar a esquerda, os dois entrevistados a posicionam tacitamente como uma corrente política caracterizada pelo pensamento falso, que distorce a realidade, pensamento ideológico, enfim, em uma das versões marxistas do conceito de ideologia (ver EAGLETON, 1997).

Eurico menciona em sua fala uma formulação central do discurso conservador. A formulação segundo a qual a humanidade deve “conservar aquilo que vem sendo experimentado”. Apresentando diferentes características do discurso conservador na obra *The Conservative Mind* de Russell Kirk (1956/1985), um dos ícones do pensamento conservador norte-americano, McLeod (2005) destaca que para o conservador norte-americano as coisas são do jeito que são por um bom motivo e que os conservadores devem ser prudentes com suas mudanças e abordá-las de forma cautelosa e com zelo (MCLEOD, 2005). Essa desconfiança da mudança também está presente na fala de Paula quando ela afirma que entre os conservadores “sempre tem aquela preocupação de qualquer mudança a gente analisar”.

Russell Kirk e outros pensadores do conservadorismo nada mais fazem do que atualizar, quando demonstram preocupação com as consequências da mudança social, as ideias de Edmund Burke, grande expoente da literatura conservadora, expostas em *Reflexões sobre a revolução em França* (BURKE, 1790/1997).

Burke alertava contra os perigos da “democracia em abstrato”, além de questionar o caráter racionalista e idealista do movimento francês, salientando não se tratar simplesmente do fato da revolução provocar a queda da velha ordem, mas dela provocar a deslegitimação dos valores tradicionais, transformando a sociedade abruptamente, destruindo toda a herança de recursos naturais e espirituais (KINZO, 2001).

Mas, essa desconfiança da mudança radical e esse elogio da tradição nos relatos dos entrevistados é frequentemente substituído por um discurso de exaltação à transgressão radical, em que a direita conservadora aparece como um movimento de combate à ordem existente. O conservadorismo de direita seria, nas palavras de Eurico, o “novo sexy”, um movimento de cunho aglutinador que seria uma alternativa ao progressismo da esquerda e aos movimentos mais liberais da direita, “a nova contracultura”, uma forma de enfrentamento do politicamente correto e de reação a práticas modernistas, relativistas e globalizantes.

A fala de Eurico destaca um dos fatores mais importantes do sucesso do discurso conservador entre os jovens. Os palavrões de Olavo de Carvalho, guru da direita conservadora

brasileira, contra os inimigos do conservadorismo, a retórica agressiva de Jair Bolsonaro contra os grupos minoritários de esquerda, e outros exemplos da retórica conservadora atual no Brasil, parecem exercer uma atração poderosa numa geração de jovens que foi socializada num mundo marcado pelo combate incessante das minorias contra as formas de desqualificação das sociedades tradicionais contra negros, mulheres, gays, etc. O discurso conservador vem tendo sucesso em construir, para essa geração de jovens, essas minorias como opressivas, limitadoras e puritanas. Para esses jovens, o conservadorismo, principalmente em suas versões mais extremistas, parece representar a possibilidade de descrever livremente as minorias que consideram incômodas, sem que sejam incomodados, sem a ameaça de represálias.

As falas acima mostram a relação tensa dos conservadores com o Estado. Seguindo o conservadorismo norte-americano presente no *TeaParty*, movimento ultraconservador que inspira o conservadorismo brasileiro atual (DELCOURT, 2016), esses militantes advogam o livre mercado e tendem a combater intervenções estatais na economia. Por outro lado, afirmam a necessidade de intervenção estatal para conservar determinadas práticas, como afirma Carlos Eduardo, para conservar “coisas que o Estado já vem protegendo até hoje”.

Essa relação dos conservadores com o Estado se manifesta claramente nas críticas que tecem aos libertários de direita. A lógica conservadora inspirada em Burke de desconfiança das mudanças abruptas e de manutenção daquilo que vem sendo experimentado em uma sociedade não é usado pelos entrevistados somente para rechaçar o pensamento de esquerda. É usada também para combater propostas da direita política que advoguem uma mudança radical na ordem do mundo, como na fala de Paula, que critica implicitamente os liberais ao afirmar que defende Estado mínimo também, mas que se deve ter cuidado com as consequências da mudança, e na fala de José que critica os libertários em sua versão anarcocapitalista categorizando-os como “marxistas com sinal inverso” que propõem uma ordem social utópica, uma sociedade sem Estado e totalmente regulada pelo mercado.

Como já foi dito, o libertarianismo foi uma outra corrente de direita mencionada como categoria de autoidentificação. Em suas falas esses militantes tornam seus os discursos de “ícones” do pensamento libertário como Murray Rothbard (ROTHBARD, 2010) e Hans-Hermann Hoppe (HOPPE, 2014).

“O libertarianismo ele te dá diretrizes e a partir dessas diretrizes você por si só, você entende como que a ordem natural se dá. Então a ordem natural defendida pelo libertarianismo é a de que o livre mercado vai sempre prover a qualidade maior possível de determinado serviço pelo menor preço possível [...]” (Emerson)

“[...] Um dos grandes ícones e nomes do libertarianismo é o Hans-Hermann Hoppe e ele é um conservador, então ele não é um conservador no sentido político de instituições conservadoras e tal, ele vai concordar na redução extrema do Estado até mesmo a um certo tipo de anarquia, porém ele também tem o seu pensamento mais refinado no sentido de que não se deixa levar por esse tipo de ideologia que deriva de uma mentalidade marxista, então eu acho que os libertários se eles se colocarem sempre em posições, em locais, em âmbitos de cultura derivado do marxismo, eles vão acabar também como os liberais supervalorizando essas questões de minoria, porém eu não vejo assim dentro dos ícones grandes do libertarianismo um apoio a essa questão” (Emerson)

“[...] Na minha concepção da palavra liberal, liberal é quem defende liberdade só que comumente é usado no Brasil, o liberal é usado para defender o liberal clássico que defende que o Estado deve ter três funções básicas, saúde, educação e segurança. Existem dois tipos de libertários: o Anarquista e o Minarquista. O Minarquista é o que defende que o Estado deve prover só justiça e segurança e eu acredito que o Estado não devia existir [...]” (César)

“[...] Os libertários eles vão divergir muito, porque existem libertários em certos graus. Então o grau máximo do libertarianismo é o anarcocapitalismo o qual é entendido o Estado como um ente que deveria desaparecer. E aí se você for regredir nesses graus, você vai ter libertários que defendem uma certa estrutura estatal apenas para defesa externa do país, então, um exército, uma marinha, uma aeronáutica, vai ter libertários que defendem a questão de uma segurança também interna, o Estado como o organizador da justiça, como organizador da urbanização, ou seja, das vias, do trânsito, etc. E nesse englobamento você tem realmente o pensamento libertário, agora você dificilmente vai ver um libertário defendendo Estado em saúde, em educação, em apoio a moradia, alimentação, esse tipo de coisa realmente o libertário ele vai passar longe” (Emerson)

“[...] O libertário pode defender a secessão que é, por exemplo, você dividir, por exemplo, a gente é o Brasil, divida o Nordeste como se fosse um Estado autônomo e a partir disso dividir a Paraíba, depois Campina Grande, pra maioria dos libertários essa é a melhor forma de se conseguir chegar a uma anarquia [...]” (César)

“[...] Os liberais de certa forma eles vão estar mais alinhados ao pensamento libertário, porém eles acabam tendo muita influência também do pensamento progressista, portanto você vai ter liberais que são a favor do aborto, você vai ter liberais que vão entender a sociedade como oprimidos e opressores, apesar deles não serem marxistas, mas eles vão entender que ‘ah eu sou liberal, mas nós temos que defender, por exemplo, questões de minorias’, então eles tendem a supervalorizar a opressão feminina, que de fato existe, mas que no meu pensamento e no pensamento conservador também, não é uma questão de importância nacional. É uma questão simplesmente de é... o ser humano é um ente mal e ele vai ter conflitos, então existem conflitos entre os gêneros masculino e feminino, claro que existe, mas esses conflitos não se dão de forma institucional por um patriarcado e sim de forma pontual, ou seja, vai ter homens que vão sempre estar do lado das mulheres e vai ter homens que vão menosprezar as mulheres. Então eu acho que os liberais, eles infelizmente supervalorizam algumas questões culturais que a esquerda tem colocado, como, por exemplo, o racismo que existe assim como o pensamento feminista, também, o racismo existe, porém não acho que seja uma cultura impregnada em todos os Brasileiros, eu não acho que o Brasileiro em si ele é racista, eu acho que alguns Brasileiros são racistas, mas isso aí não vai ser solucionado com movimento social que queira usar da censura ou dessa forma para mudar essa realidade [...] Então eu não dou tanto valor a este tipo de movimento social porque eu não vejo eles como prioritários, os liberais eles acabam tendo uma visão um pouco... não são todos né? Não estou generalizando, mas acabam tendo uma visão um pouco, é assim, ‘ah realmente, não vamos contra os movimentos feministas ou contra os movimentos racistas, por quê? Porque esses movimentos são importantes e tal...’. Eu como libertário me coloco contra esses movimentos porque não acho que são importantes e acho que tem causado uma grande desvirtuação da cultura nacional.” (Emerson)

“Os conservadores eles não tem uma certa preocupação de reduzir ao máximo o poder do Estado, a preocupação é com a saúde cultural do país, então eles se

preocupam mais com a questão moral, com a questão ética, com a questão cultural, com a questão educacional, então eles são mais voltados a formação de uma cultura saudável [...]”(Emerson)

“[...] O anarcocomunismo, que é o anarco de esquerda, ele prega o fim além do Estado de outras instituições sociais como família, como igreja, outras questões sociais e que o indivíduo deve ser totalmente livre dessas coisas. Eu não acredito nisso, eu acredito que o Estado é a única instituição coercitiva que lhe coage com armas, com leis, com violência a fazer certas coisas. Acho que a diferença é essa, e as formas de se chegar também. O anarquismo de esquerda prevê o Estado cada vez maior até chegar o momento que não precise mais do Estado e se chega ao anarquismo. Já o de direita prevê a diminuição, talvez gradativa, até se chegar a um estágio que não tenha.” (César)

No libertarianismo o indivíduo é a célula elementar da vida em sociedade. Todos os direitos dos indivíduos derivariam, para os libertários, da autoapropriação e apropriação original dos recursos naturais (a ideia de que o primeiro usuário é o proprietário legítimo). Rejeitam qualquer teoria que defenda a necessidade de um soberano ou de um poder ordenador. É a partir da compreensão que cada um tem de si mesmo como proprietário de si e daquilo que resultou da apropriação original que o direito natural de defesa da propriedade é produzido. Defendem uma sociedade sem Estado em que a economia de livre mercado seria um elemento central e em que as relações dos indivíduos se pautariam no comércio e na troca voluntária entre os mesmos (ROTHBARD, 2010; HOPPE, 2014).

Nas falas dos dois libertários acima citadas, pode-se notar várias formulações que constituem o discurso libertário. Em primeiro lugar chama à atenção a expressão reiterada de estadofobia, sentimento que eles compartilham com os anarquismos de esquerda. Nas falas de César a estadofobia se apresenta em sua forma mais extrema, o anarcocapitalismo: “o Minarquista é o que defende que o Estado deve prover só justiça e segurança e eu acredito que o Estado não devia existir”. Para ele “o Estado é a única instituição coercitiva que lhe coage com armas, com leis, com violência a fazer certas coisas”. Ecoa, em formulações como essa, o discurso repetido por intelectuais anarcocapitalistas que definem o Estado como uma instituição criminosa: “o estado, conforme a vertente mais influente da teoria libertária (a

vertente rothbardiana), é uma organização fora-da-lei (criminosa), e a única ordem social justa é um sistema de anarquia de propriedade privada” (HOPPE, 2014, p. 237).

César diferencia o anarquismo de direita do anarquismo comunista. Ambos pregariam o fim do Estado, mas o “o anarcocomunismo” pregaria, diferentemente do anarcocapitalismo, também o fim “de outras instituições sociais como família, como igreja...”.

A diferença apontada por César entre um libertarianismo *soft* (o minarquismo) que aceita um Estado provedor de justiça e segurança (e nada mais) e um libertarianismo radical (o anarcocapitalismo) que prega a eliminação do Estado diz respeito a uma diferenciação no interior do libertarianismo ao longo do século XX. Como argumenta Passeti (2013), desde o fim da Segunda Guerra Mundial e, mais precisamente, desde o Colóquio Walter Lippman, os neoliberais passaram a se chamar libertários. Mas é fato que os neoliberais sempre reconheceram a necessidade do Estado, ainda que um Estado mínimo. A partir dos anos 60 do século passado, Murray Rothbard (ROTHBARD, 2010), discípulo de Ludwig von Mises, um dos pais fundadores do neoliberalismo, passou a usar o termo libertarianismo para pregar um capitalismo puro sem mediação estatal.

O uso do termo libertário para nomear agrupamentos políticos capitalistas não poderia ocorrer sem contestação. De acordo com Passeti (2013), a palavra libertário, ou *libertaire*, é uma palavra francesa que é usada pela primeira vez por Joseph Déjacque em suas correspondências com Proudhon durante a sua estadia nos Estados Unidos. Anos mais tarde, a palavra libertário tornou-se sinônimo da palavra anarquia, um artifício de defesa contra a vigilância redobrada do Estado francês que proibia a propaganda anarquista. Assim, para Passeti (2013), há uma tentativa de usurpação do termo *libertarian* ou *libertaire* por parte de setores da direita, principalmente da direita norte-americana.

As falas dos dois libertários entrevistados nessa pesquisa mostram a atração exercida sobre eles pelo libertarianismo de Hans-Hermann Hoppe (HOPPE, 2014), libertarianismo que tem pontos em comum com as vertentes mais radicais do conservadorismo norte-americano. Como relata Emerson, “ele é um conservador, então ele não é um conservador no sentido político de instituições conservadores e tal, ele vai concordar na redução extrema do Estado até mesmo a um certo tipo de anarquia, porém ele também tem o seu pensamento mais refinado no sentido de que não se deixa levar por esse tipo de ideologia que deriva de uma mentalidade marxista”.

Emerson se refere a alguns argumentos polémicos do pensamento do Hoppe (2014). Esse autor afirma que a monarquia era menos danosa para a liberdade do proprietário individual do que as democracias modernas. Ataca ferozmente as demandas das minorias nas democracias ocidentais e defende que uma comunidade tem o direito de expulsar dentro de si própria minorias cujos valores sejam incompatíveis com os seus. A defesa da “secessão” na fala de César é claramente inspirada em Hoppe (2014). Para esse autor um dos horrores dos estados nacionais é que ele obriga grupos humanos a conviverem num mesmo espaço físico com outros que lhes são insuportáveis.

De acordo com Hoppe (2014), a integração forçada promovida pelo Estado leva ao conflito; a melhor forma de apreender a alteridade, segundo ele, é tornando-a passível de exclusão:

O separatismo e o crescimento dos movimentos secessionistas e regionalistas em todo o mundo não representam um anacronismo, mas sim, potencialmente, as forças históricas mais progressistas, especialmente à luz do fato de que, com a queda da União Soviética, nós nos aproximamos mais do que nunca do estabelecimento de uma “nova ordem mundial”. A secessão aumentará a diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural, ao passo que séculos de centralização reprimiram e esmagaram centenas de culturas distintas. A secessão acabará com a integração forçada provocada pela centralização; ao invés de estimular conflitos sociais e o nivelamento cultural, ela promoverá a concorrência pacífica e cooperativa de diferentes culturas separadas territorialmente. Em especial, ela eliminará os problemas de imigração que cada vez mais assolam os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos. Atualmente, sempre que o governo central permite a imigração, ele permite que os estrangeiros encaminhem-se – literalmente, por meio das ruas e das estradas governamentais – para as entradas das residências de quaisquer habitantes nativos, independentemente de esses residentes desejarem ou não essa proximidade para com os estrangeiros. Assim, a “imigração livre”, em grande medida, significa integração forçada. A secessão resolverá esse problema ao permitir que cada pequeno território tenha as suas próprias normas de admissão e determine, de forma independente, (1) com quem os seus residentes se associarão no próprio território e (2) com quem tais habitantes preferirão efetuar uma cooperação social à distância (HOPPE, 2014, p. 151).

A aproximação entre o libertarianismo anarcocapitalista e o conservadorismo é reconhecida por Emerson, como se viu, e tanto ele como César afirmam diferenças entre o libertarianismo e o liberalismo. Para César o Liberal clássico “defende que o Estado deve ter três funções básicas, saúde, educação e segurança” e para ele, como libertário, o Estado “não devia existir”. Emerson por sua vez, fundamenta a diferença na pauta cultural das duas correntes de direita e posiciona explicitamente o liberalismo como muito próximo à esquerda: “eu acho que os liberais, eles infelizmente supervalorizam algumas questões culturais que a esquerda tem colocado, como, por exemplo, o racismo...”.

Mas as diferenças em relação ao conservadorismo também são mencionadas. Segundo Emerson, “eles não tem uma certa preocupação de reduzir ao máximo o poder do Estado, a preocupação é com a saúde cultural do país”. Emerson reproduz em sua argumentação uma preocupação recorrente em Hoppe (2014). De acordo com ele, o conservadorismo moderno é um defensor do Estado e padece do mesmo mal que o liberalismo, que é justamente não se apresentar enquanto um defensor radical do fim do Estado, e como um defensor da anarquia de propriedade privada.

O conservadorismo moderno, nos Estados Unidos e na Europa, mostra-se confuso e distorcido. Essa confusão decorre em grande parte da democracia. Sob a influência da democracia representativa – e com a transformação dos EUA e da Europa em democracias de massa após a Primeira Guerra Mundial –, o conservadorismo, que era uma força ideológica anti-igualitarista, aristocrática e antiestatista, passou a ser um movimento de estatistas culturalmente conservadores: i.e., da ala direita dos socialistas e dos social-democratas. A maioria dos autoproclamados conservadores contemporâneos está preocupada – como, na verdade, deveria estar – com a decadência das famílias, com o divórcio, com a ilegitimidade, com a perda da autoridade, com o multiculturalismo, com os estilos de vida alternativos, com a desintegração do tecido social, com o sexo e com o crime. Todos esses fenômenos representam anomalias e desvios escandalosos da ordem natural. O conservador deve, de fato, opor-se a todos esses acontecimentos e tentar restabelecer a normalidade. No entanto, a maior parte dos conservadores contemporâneos (pelo menos a maioria dos porta-vozes do establishment conservador) ou não reconhece que o seu objetivo de restaurar a normalidade exige mudanças sociais mais drásticas – até mesmo revolucionárias e antiestatistas – ou (caso eles tenham conhecimento disso) pertence à “quinta coluna” empenhada em destruir o conservadorismo a partir de dentro (devendo, portanto, ser considerada maléfica) (HOPPE, 2014, p. 225-226).

Por fim, uma terceira corrente de direita mencionada pelos entrevistados é o liberalismo, embora o termo liberal não tenha sido usado por nenhum dos entrevistados como categoria de autoidentificação.

“[...] Liberal é aquele que defende atuação mínima do Estado em todas as questões, certo? É aquele cara que ‘ah sou a favor de liberar aborto, sou a favor de liberar drogas, porque o Estado não tem que decidir isso’, certo? [...]” (Paula)

“[...] Com relação a certos liberais e libertários eu já tive alguns atritos é... assim, questão de opinião, nada físico, nada, nada desse nível, mas assim que... com alguns... alguns liberais e com alguns libertários, por quê? Porque assim, quando você fica muito preso a conceitos que é uma opinião que eu tenho sobre diversos liberais, não todos, eu conheço alguns que não, mas quando você fica preso a conceitos você esquece da complexidade da realidade, porque a realidade não é

simplesmente você pegar o que tem no livro e no livro de Adam Smith que eu admiro muito na minha opinião é o melhor liberal clássico que já existiu, é Adam Smith, mas não tem como você pegar qualquer conceito do livro e querer aplicar aquilo na prática na realidade de uma forma idêntica, porque não é assim. Então... o que é que acaba gerando como consequência, eles esses certos liberais, libertários, eles deixam de votar ou então de apoiar o que seria o menos ruim para apenas criticar e acabar fazendo o jogo que a esquerda quer [...]" (José)

"[...] Então assim, toda a pauta de conservadores, questão de armamento, questão de conservação de certos costumes da sociedade ocidental, eu acredito que certos liberais não defendem, que eles defendem mais a não participação do Estado em nada e eu não acredito nisso, ou pelo menos eles acreditam na não participação em muita coisa que eu acredito que tem que participar" (José)

"[...] Enquanto os liberais eles... pelo menos a minha visão que eu tenho dos liberais, é que em muitos assuntos eles acreditam que a simples não presença do Estado já resolveria e tudo se resolveria com o mercado, mas eu acredito que o mercado, ele é uma consequência de ações morais, então assim, o mercado ele vem depois da moralidade. Então... os liberais muitos deles acreditam que é o inverso, que... é o mercado que dita tudo e eu acredito que são os costumes que ditam o mercado" (José)

"[...] Alguns liberais vão se colocar a favor do Bolsonaro a partir do momento que o Bolsonaro se colocar a favor de liberdades econômicas, então os liberais vão tá apoiando ele [...]" (Emerson)

O pensamento liberal é um movimento desde as suas origens engajado na luta pela redução do poder estatal. É gestado em um período de revoluções e de queda de governos monárquicos absolutistas, que tinham como premissa a manutenção do poder real (MELLO, 2011). Destarte, o pensamento liberal se inicia com a destituição do velho regime e com a tarefa de construir um novo mundo, para isso o liberalismo teve ajuda do individualismo, republicanismo, constitucionalismo, modernismo, iluminismo, do capitalismo e do romantismo (MERQUIOR, 1991).

Todos esses movimentos influenciaram na consolidação desse novo regime, pautado não apenas em uma noção de representação do poder soberano, do poder do povo, mas também estabelecendo limites para a atuação do Estado. Assim, o liberalismo se apresenta enquanto um defensor da liberdade negativa, liberdade diretamente relacionada com a ausência de coerção estatal (MERQUIOR, 1991). Tal liberdade está diretamente associada com a posição lockeana, que, em contraposição ao pensamento hobbesiano de submissão ao poder soberano, ressaltava a necessidade de um contrato social baseado no consentimento de todos e, que deveria apenas salvaguardar seus súditos da tirania um dos outros (MELLO, 2011).

Para o liberalismo clássico de um autor como Bastiat (1850/2010), o socialismo ou qualquer tipo de assistencialismo respaldado por lei seria uma forma de espoliação legal, já que sua premissa de igualdade incorpora à lei ações na qual o Estado teria a posição interventiva, tirando de alguns para dar a outros, como por exemplo, impostos, tarifas, protecionismos, incentivos, instrução gratuita, garantia de empregos, de lucros, salários mínimos, previdência social, entre outros. Para esse autor, a igualdade imposta retira a liberdade.

Essa preocupação com a defesa da propriedade individual contra a arbitrariedade do Estado, tão central no discurso dos liberais atuais e mais ainda no discurso dos seguidores mais radicais do liberalismo clássico, os libertários, já estava presente em Locke. De acordo com Mello (2011), a principal diferença entre Hobbes e Locke, que vai culminar na discussão acerca do conceito de propriedade é que, para Hobbes, o estado de natureza é um estado de plena insegurança, violência e guerra, nesse sentido a propriedade inexiste, já que o corpo social não produz condições para a sua existência. Para ele, só a submissão dos indivíduos ao soberano torna possível a propriedade. Para Locke, por outro lado, a propriedade já existe no estado de natureza, assim sendo, ela é um direito natural do homem devido a sua possibilidade de constituição anterior ao Estado.

Os conservadores aqui entrevistados têm uma relação tensa com o liberalismo. De acordo com Paula, por exemplo, “liberal é aquele que defende atuação mínima do Estado em todas as questões, é aquele cara que ‘ah sou a favor de liberar aborto, sou a favor de liberar drogas, porque o Estado não tem que decidir isso’”. Como conservadora, Paula se afasta dos liberais porque não aceita a ideia de não intervenção do Estado nos costumes. José, outro conservador, quando afirma que os liberais ficam presos a conceitos e esquecem “a complexidade da realidade”, posiciona como pragmática a ação política dos conservadores e

como pouco realista a ação política dos liberais e libertários, falta de realismo que termina por fazer “o jogo que a esquerda quer”.

Ao advogar a intervenção do Estado nos costumes, eles estão negando a crença liberal segundo a qual todas as relações sociais possam ser reguladas pelo mercado. José ressalta isso claramente quando afirma que “os liberais muitos deles acreditam que é o inverso, que é o mercado que dita tudo e eu acredito que são os costumes que ditam o mercado”. Esses militantes conservadores exaltam o livre comércio e as bases para a troca voluntária e para uma dinâmica espontânea do mercado, mas, ao advogar a intervenção do Estado nos costumes, demonstram ansiedade diante das possíveis transformações sociais que poderiam advir da dinâmica do mercado.

As críticas dos militantes conservadores aqui entrevistados em relação ao liberalismo não visam o liberalismo econômico como já foi dito aqui anteriormente. O liberalismo econômico é exaltado por eles. A afirmação de Eurico, anteriormente citado, segundo a qual os Estados Unidos são prósperos porque sua estrutura “está montada” no “liberalismo” mostra bem o apoio desses militantes conservadores ao liberalismo econômico. Criticam de fato o apego do liberalismo à liberdade político-social.

De fato, esses militantes conservadores desconfiam profundamente do apego do liberalismo à liberdade político-social. No entanto, Emerson, um dos dois militantes que se identificaram como libertários, não constrói todos os liberais brasileiros como um grupo político para o qual a liberdade político-social seja um princípio fundamental. Quando ele afirma “alguns liberais vão se colocar a favor do Bolsonaro a partir do momento que o Bolsonaro se colocar a favor de liberdades econômicas”, está reconhecendo, levando-se em conta que Bolsonaro não é reconhecido pelo seu apego às liberdades políticas, que para esses liberais a liberdade que importa de fato é a liberdade para fazer negócios.

Como afirma Merquior (1991), a tradição liberal que ele denomina de liberista sempre teve muito mais apego ao liberalismo econômico do que ao liberalismo político. O caso de Ludwig von Mises, ídolo dos liberais e dos libertários, minarquistas e anarcocapitalistas, ilustra a falta de apego de alguns liberistas à democracia liberal. De acordo com Augusto (2014), Mises tinha simpatia pelo fascismo, apesar de ser de origem judaica.

Augusto (2014) afirma que Mises atribuía ao fascismo o papel de salvador da civilização europeia contra o comunismo. O autor ressalta que Mises acreditava em uma “suspensão temporária” da democracia, compreendendo a ditadura emergencial como uma

opção necessária para o reestabelecimento do capitalismo, manutenção da ordem, dos meios de produção e da propriedade privada.

Von Mises, no entanto, ressalta que a diferença entre os liberais e os fascistas não está no uso da violência para defender a propriedade privada dos meios de produção. A diferença é de fundo filosófico: como idealista, von Mises vê as ideias, e não as armas, como o recurso último que decide a luta. Mas por tudo que foi apresentado antes, é evidente que von Mises defende o uso da violência e das armas quando as ideias não estão funcionando. Daí que o fascismo seja aceitável para um liberal, mesmo que apenas como um “improviso emergencial”. É importante notar que von Mises muda radicalmente sua apreciação do fascismo no Epílogo do seu livro “Socialismo”, escrito em 1947. Aqui, no contexto da guerra fria e com a derrota do fascismo, von Mises muda de ideia e já não vê esse mais como um companheiro necessário do liberalismo em situação emergencial, mas como uma “variante” de um vago e mal definido “socialismo”. Na guerra fria, era preciso igualar o fascismo, o nazismo e o stalinismo por meio da teoria do totalitarismo. Àquela altura, o fascismo já não era mais defensável e nem necessário para a manutenção da propriedade privada dos meios de produção. Fascismo, para o neoliberalismo de von Mises, era apenas um recurso a ser usado de acordo com a conveniência: o único verdadeiro inimigo a ser combatido por todos os meios – inclusive os meios do fascismo – era o comunismo (AUGUSTO, 2014, p. 421).

A identidade que essa militância estudantil de direita constrói para si própria e para a direita em geral, identidade marcada por contradições, conflitos, tensões, suscita uma questão. O que daria unidade a esses agrupamentos políticos tão diferentes entre si? Para os conservadores e libertários cujos discursos foram analisados aqui o direito de propriedade parece ser um valor absoluto. Em nenhum momento em todas as entrevistas eles relativizaram o direito de propriedade. Como reconhece Merquior (1991), os adeptos de um liberalismo social relativizam o direito de propriedade, mas na universidade em que foi realizado esse estudo não foram localizados adeptos do liberalismo social.

Uma outra maneira de dar unidade a essa militância é olhar para o seu exterior antagônico, para a instância que o antagoniza e paradoxalmente a constitui. Para a teoria do discurso de Laclau e Mouffe em *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1985/2015), o que leva as diferenças a aplicarem uma lógica da equivalência não é o caráter positivo que talvez elas compartilhem, mas sim a instância negativa contra a qual elas lutam simultaneamente constituindo assim uma cadeia de equivalências. Os antagonismos, por assim dizer, são os operadores da equivalência, logo, quando se diz que o discurso da direita está estabelecido, mesmo possuindo inúmeras diferenças em seu corpo, é devido ao fato de que a instância negativa, a saber, a esquerda, se constitui como discurso antagônico possibilitando assim a estruturação do discurso de direita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender como a militância estudantil de direita numa universidade pública brasileira define a si mesma. Alguns entrevistados se autocategorizaram como adeptos de uma direita pautada e regida por uma ordem transcendental e moral, outros como adeptos de um libertarianismo que prega o fim do Estado, a secessão de indivíduos e de grupos, e o direito de propriedade como um valor central para a produção de uma nova sociedade.

Observou-se que os conservadores e os libertários apresentam contradições próprias do discurso que os constituiu. O primeiro grupo busca uma associação entre o conservadorismo de costumes e o liberalismo econômico. Pedem que o Estado regule e controle práticas sexuais e outras práticas que dizem respeito à vida privada, mas querem o Estado distante das relações econômicas. O segundo prega o fim do Estado e uma sociedade de capitalismo puro, sociedade de livre comércio e trocas voluntárias, mas apresenta em seu discurso um elemento próprio de sociedades tradicionais (e contrário ao internacionalismo capitalista) que é a defesa do direito de um grupo de expulsar de dentro de si aqueles grupos que ele não suporta como é o caso da secessão no discurso libertário.

A militância desses novos atores na cena universitária e na cena brasileira de uma forma geral é uma das consequências mais importantes dos acontecimentos que tiveram início em junho de 2013. Vieram para ficar e certamente contribuirão profundamente para a manutenção da polarização política dos últimos anos.

Durante as entrevistas os estudantes se mostraram muito interessados em falar sobre si próprios enquanto membros da direita. Embora desconfiados em relação ao modo como os pesquisadores universitários relatariam aquilo que formulavam, certamente viam as entrevistas como uma oportunidade de dar visibilidade às suas definições de si próprios e do mundo de uma forma geral. Este trabalho pretendeu contribuir, ainda que modestamente, para a compreensão dos discursos que constituem essas definições.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo, Org(s). *Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

AUGUSTO, André Guimarães. *O que está em jogo no “Mais Mises, menos Marx”*. Marx e o Marxismo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 417-425, ago./dez. 2014.

- BASTIAT, Frédéric. *A Lei*. 3º ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. 64 p.
- BRENNER, Ana Karina. *Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2011.
- BILLIG, Michael. *Arguing and Thinking: A Rhetorical approach to social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. *Ideology and opinions: Studies in rhetorical psychology*. London: Sage Publications, 1991.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. 2º ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. 247 p.
- DELCOURT, Laurent. *Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil*. Lutas Sociais, São Paulo, v.20 n.36, p.126-139, 2016.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997. 200 p.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. Org(s). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 244-269.
- HOPPE, Hans-Hermann. *Democracia - o Deus que falhou: A economia e a política da monarquia, da democracia e da ordem natural*. 1º ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2014. 372 p.
- JENKINS, Richard. *Social Identity*. London: Routledge, 2004.
- KINZO, Maria D’Alva Gil. Burke: a continuidade contra a ruptura. In: WEFFORT, Francisco Correia, Org(s). *Os Clássicos da Política: Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Marx*. 2º Vol. São Paulo: Ática, 2001. p. 13-45.
- KIRK, Russell. *The Conservative Mind*. 7º ed. Washington: Regnery, 1985. 534 p.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma política democrática radical*. 1º ed. São Paulo: Intermeios, 2015. 288 p.
- MARTINS, Luísa. *À direita, MBL disputa espaço entre estudantes*, 2016. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-direita-mbl-disputa-espaco-entre-estudantes,10000088058>> Acesso em: 19 de mar. 2017.
- MCLEOD, Aaron. *Great conservative minds: A condensation of Russell Kirk’s “The Conservative Mind”*. Birmingham, Alabama: Alabama Policy Institute, 2005. 73 p.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. John Locke e o individualismo liberal. In: WEFFORT, Francisco Correia, Org(s). *Os Clássicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “O Federalista”*. 1º Vol. São Paulo: Ática 2011. p. 64-86.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O Liberalismo: antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 260 p.
- PASSETI, Edson. *Natureza, pensamento e política*. Eopolítica, São Paulo, v. 7, p. 33-59, set./dez. 2013.

POTTER, Jonathan. *La representación de la realidad: Discurso, retórica y construcción social*. Barcelona: Paidós, 1998.

_____ ; WETHERELL, Margaret. *Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour*. London, Sage, 1987.

_____ ; WETHERELL, Margaret; GILL, Rosalind; EDWARDS, Derek. *Discourse: noun, verb or social practice?* Philosophical Psychology, vol. 3, n. 2, 1990.

ROTHBARD, Murray Newton. *A Ética da Liberdade*. 2º ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. 354 p.

SAFALTE, Vladimir. *Só mais um esforço*. 1º ed. São Paulo: Três Estrelas, 2017. 143 p.

VINUTO, Juliana. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, v. 22, n.44. p. 203-220. 2014.

WETHERELL, Margaret; POTTER, Jonathan. *Mapping the language of racism: discourse and the legitimation of exploitation*. Hemel Hempstead: Harvester Wheat Sheaf, 1992.